

JOSÉ HIGUERA\*

## A ARTE LULIANA E A RECEPÇÃO MEDIEVAL DOS TÓPICOS DE ARISTÓTELES

### **The Lullian Art and the Medieval Reception of the Aristotle's *Topics***

#### **Abstract**

The Aristotelian opposition between demonstrative and probable arguments is reflected in the medieval commentaries that distinguish between dialectical syllogisms, used by the art of persuasion, and the demonstrative syllogisms based on necessary principles, whose knowledge is immediate and *per se notum*. In a manuscript of *Ars demonstrativa*, attributed to Ramon Llull, there is a remark about the usage of probable arguments, although they are based on necessary principles. About that, Llull added that naming this work as «demonstrative» might sound slightly «scandalous». However, Llull seems to attest a dilution of the distinction between probable arguments and demonstrative principles, which is possibly related to the Boethian reading of the *Topics*. Boethius defines a list of *differentiae* which are the terms that link, in the syllogisms, a premise

---

\* Investigador. Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Este artigo integra-se no âmbito dos projetos: «The Reconstruction of the 'Tree of Knowledge': Historical Contingencies and Textual Transformations» (SFRH/BPD/102536/2014); *From Data to Wisdom. Philosophizing Data Visualizations in the Middle Ages and Early Modernity (XIIIth-XVIIth century)*, POCI-01-0145-FEDER-029717. Agradeço a Ana Lima por ter revisto o texto português deste estudo.

with a necessary conclusion or a general principle. The medieval commentators of the *De Topicis differentiis* realized that these dialectical places are also applicable to hypothetical syllogisms, which are compounded by conditional premises. Medieval masters made lists of *differentiae* that include terms such as: opposition, likeness, relation, superior and inferior, authority and *trassumptio* (the Latin term for metaphor). Ramon Llull shows an indirect reception of the *De topicis differentiis* of Boethius in the figure T of his *Ars*, as well as a specific application of the argumentative places in the theological dialogue with other religions. Thus, the evidence of the faith articles, although they are “first principles” and true for themselves, is not accessible to the intellect unless it is proved by probable arguments.

**Keywords:** Topics; Persuasion; Necessary principles; *Ars demonstrative*; Theological dialogue; Medieval visualizations.

### Resumo

A possível oposição aristotélica entre demonstração e argumentos prováveis achasse refletida nos comentários medievais que distinguem entre o silogismo dialético, usado pela arte da persuasão, e o silogismo demonstrativo, baseado em princípios necessários, cujo conhecimento é imediato e *per se notum*. Na nota de um manuscrito da *Ars demonstrativa*, atribuída a Ramon Llull, adverte-se que num tratado em que são postulados argumentos prováveis, embora baseados em princípios necessários, o termo *demonstrativus* pode soar um tanto «escandaloso». No entanto, O pensamento do Llull parece testemunhar um certo enfraquecimento na distinção entre argumentos prováveis e demonstrações, o que está relacionado com a leitura boeciana dos *Tópicos*. Boécio define uma lista de *differentiae* que são os termos que ligam uma premissa a uma conclusão necessária ou a um princípio geral num silogismo. Os comentadores medievais do *De Topicis differentiis* compreenderam que esses lugares dialéticos também são aplicáveis aos silogismos hipotéticos, compostos, por sua vez, por premissas condicionais. Os mestres medievais fizeram listas de *differentiae* que contêm termos tais como: oposição, semelhança, relação, superior e inferior, autoridade e *trassumptio* (termo em latim para o uso metafórico de um termo). Ramon Llull elaborou uma recepção indireta do *De topicis differentiis* de Boécio na figura T da sua Arte, bem como uma aplicação particular dos lugares argumentativos ao serviço do diálogo teológico com outras religiões, já que neste tipo de provas os princípios da fé, ainda que necessários e verdadeiros por si mesmos, estão para além das faculdades do intelecto e não podem mais do que persuadir por meio de argumentos prováveis.

**Palavras-chave:** Tópicos; Persuasão; Princípios necessários; *Ars demonstrativa*; Diálogo teológico; Visualização medieval.

## 1. Introdução

Na *Disputatio fidei et intellectus* (1304)<sup>1</sup>, Ramon Llull surpreende-nos com um argumento que menciona uma máxima, mais tarde recuperada pelo conhecido antilulista Francis Bacon<sup>2</sup>, segundo a qual: «a ciência não tem inimigos, exceto o ignorante», e prossegue:

Mas Deus não é inimigo da ciência; seria, se não fosse permitido que com a sua graça se pudesse alcançar a verdade dos artigos da fé. Essa inimizade, portanto, é impossível. Acaso ignoras que os homens desejam por natureza o saber?<sup>3</sup>

Llull encerra o argumento com esta frase final, aludindo ao início do primeiro livro da *Metafísica* na versão latina, transmitida - numa forma mais ligeira - pelo florilégio *Auctoritates Aristotelis*<sup>4</sup> acessível aos leigos (no sentido medieval, aquelas pessoas não educadas na leitura da *sacra pagina* e sem o conhecimento do latim, cuja vida intelectual se desenvolve em língua vernácula) e aos estudantes medievais. É desta maneira que se aproxima da tradição aristotélica, citando as suas máximas sem se manifestar acerca do seu autor, e as aplica, de modo particular e com efeitos peculiares. Analisaremos um exemplo desta aplicação focando-nos nos procedimentos dialéticos descritos no livro dos *Tópicos*<sup>5</sup> e na sua receção medieval. No tratado luliano, quem propõe os temas de discussão e quem responde são a Fé (*fides*) e o intelecto (*intellectus*). Ali se apresenta uma distinção entre os limites do conhecimento racional e a sua finalidade, apontada pela fé. A personificação dessas faculdades humanas acontece no contexto de uma *disputatio*, que é uma atividade em

<sup>1</sup> Ramon Llull, *Disputatio fidei et intellectus*, ed. W. A. Euler, Brepols, ROL (=Raimundus Lullus Opera Latina) XXIII, Brepols, Turnhout 1998, pp. 221-279; *Disputa entre la Fe i l'Enteniment*, eds. J. Batalla, A. Fidora, (Traducció de l'Obra Llatina de Ramon Llull 3), Obrador Edendum, Santa Coloma de Queralt 2011.

<sup>2</sup> «Ait intellectus: Dicitur, quod scientia non habet inimicum, nisi ignorantem», Ramon Llull, *Disputatio fidei et intellectus*, op. cit., p. 236; «Scientia non habet inimicum, praeter ignorantem», Francis Bacon, *The Major Works*, ed. B. Vickers, OUP, Oxford 2002, «Advice to the Earl of Rutland on his Travels», p. 73.

<sup>3</sup> «Sed Deus non est inimicus scientiae, qui esset, si impediret, quod non possem attingere cum sua gratia ueritates articulorum fidei; quae inimicitia est impossibilis. Et nescis tu, quod omnes homines naturaliter scire desiderant», Ramon Llull, *Disputatio fidei et intellectus*, ibid.

<sup>4</sup> «Omnes homines naturale scire desiderant», *Les Auctoritates Aristotelis. Un Florilège Médiéval*, ed. J. Hamesse, Peeters, Leuven 1974, p. 115.

<sup>5</sup> *Les Auctoritates Aristotelis*, op. cit., pp. 321-331; Aristóteles, *Topica: translatio Boethii*, ed. L. Minio-Paluello (Aristoteles Latinus 1-3), Desclée de Brouwer, Paris 1969.

que se achou sustentada grande parte da vida universitária medieval<sup>6</sup>.

Entre os enunciados do primeiro livro dos *Tópicos*, que reúne o florilégio mencionado, encontramos o seguinte: «o prazer gerado pela [vida] especulativa não implica tristeza alguma»<sup>7</sup>. No vocabulário filosófico medieval, o prazer (*delectatio*) significa a contemplação do divino e das relações trinitárias, ao passo que nesta passagem associa-se à atividade especulativa das faculdades do ser humano. Ramon Llull procurou responder ao debate sobre a «Ciência», no qual razão e fé encontram o seu ponto de união, bem como determinar em que consiste o «prazer» da aquisição da ciência: especulação ou graça? Este é um modelo de ciência em que as faculdades humanas (percepção, imaginação, memória, vontade e intelecto) buscam o repouso nas coisas divinas.

Llull, como uma parte dos medievais, segue um modelo *plurirecursivo*, transversal e caprichoso, no qual se combinam vários aspetos: a divisão boeciana das ciências, diferenciada de acordo com as características dos seus objetos (divino, matemático e físico)<sup>8</sup>; a conceção aristotélica de ciência demonstrativa, que parte de um conjunto de princípios *per se notum*<sup>9</sup>, pelos quais se atinge o conhecimento de outras disciplinas particulares, aliado ao exercício dialético que persuade sobre a validade desses mesmos princípios. Esse percurso conduz a um ideal de ciência divina - sinónimo medieval de *Metaphysica* - por meio da aplicação das faculdades humanas<sup>10</sup>. Llull chama Arte a este ideal unificado de «ciência geral», expressão que vem acompanhada pelos termos «maior», «demonstrativo» ou «inventivo»<sup>11</sup>.

<sup>6</sup> «Disputation was ubiquitous in academic life from the very beginnings of the university...», O. Weijers, *In Search of the Truth. A History of Disputation Techniques from Antiquity to Early Modern Times*, Brepols, Turnhout 2013, p. 119.

<sup>7</sup> Hamesse, *Les Auctoritates Aristotelis*, op. cit., p. 323.

<sup>8</sup> «Nam cum tres sint speculativae partes, naturalis, in motu inabstracta [...] mathematica, sine motu inabstracta [...] theologica, sine motu abstracta atque separabilis nam dei substantia et materia et motu caret» Boécio, *De consolacione philosophiae, Opuscula theologica*, ed. C. Moreschini, Saur, Munich 2000, p. 169.

<sup>9</sup> Aristóteles, *Analytica Posteriora*, ed. L. Minio-Paluello (Aristoteles Latinus IV-2), Desclée de Brouwer, Paris 1969, 71a 1-2; «Sunt enim quedam propositiones [*per se nota*] que non possunt probari nisi per principia alterius sciencie, et ideo oportet quod in illa sciencia supponantur, licet probentur per principia alterius sciencie; sicut a puncto ad punctum rectam lineam ducere supponit geometra et probat naturalis, ostendens quod inter quelibet duo puncta sit linea media», Tomás de Aquino, *Expositio libri posteriorum*, Editio Leonina (Opera Omnia I.2), Vrin, Paris 1989, I. 5 n. 7, p. 25.

<sup>10</sup> «Philosophia est subiectum, in quo intellectus se contrahit ad omnes artes et scientias», Ramon Llull, *Ars generalis*, ed. A. Madre (ROL XIV), Turnhot, Brepols, 1986, p. 81; «Descriptio autem philosophiae ex proprietate eius est quod philosophia est assimilacio operibus creatoris gloriosi et sublimis secundum virtutem humanitatis», Isaak ben Salomon Israeli, *Liber de definitionibus*, ed. J. P. Muckle, in *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 11 (1938) 330.

<sup>11</sup> Não é o objetivo desta colaboração falar da legenda que descreve a “ilustração divina”

Aparentemente, e segundo os especialistas, o modelo luliano de «Ciência» apresenta uma divergência entre o que significa demonstrar segundo princípios gerais e persuadir acerca da sua validade, em relação ao conhecimento dos objetos e ao conjunto de alterações e mudanças que estes sofrem. Aristóteles afirma que a ciência mais geral versa do ente, mas essa ciência está relacionada com um grande número de disciplinas que explicam os distintos entes fora do intelecto e as maneiras pelas quais podemos conhecê-los. A disciplina que discorre sobre os princípios de cada ciência e os modos como entende a generalidade do ente nas suas particularidades é a dialética.

A questão que Llull procurava dilucidar - se a dialética é um instrumento da ciência ou uma ciência por si mesma - é bem conhecida pelos medievais, ao ponto de Llull querer apresentar o seu contributo. Retornando à passagem em que controvertem a Fé e o Intelecto, advertimos que parte de uma máxima ou uma proposição aceite de um modo geral: «a ciência não tem inimigos, exceto os ignorantes»<sup>12</sup>. A questão postulada é se a ciência tem ou não tem inimigos? A resposta luliana é que se a ciência tem um inimigo, que pode ser Deus, tal inimizade impedirá o conhecimento das verdades da fé. Mas este conhecimento é viável, porque «todos os homens por natureza desejam saber», logo tal inimizade é impossível. A consequência da máxima proposta por Llull resulta, por sua vez, numa outra máxima que se supõe aceite de um modo geral, ainda que omitindo a autoridade do *Filósofo*.

Outra formulação desse argumento, que pode indiciar a sua finalidade, é a que questiona se pode existir uma ciência acerca da fé, cuja resposta parte também de uma proposição aceite de um modo geral: «a ciência não tem inimigos, exceto os ignorantes». Daqui segue-se a proposição condicional: «se Deus fosse inimigo da ciência não haveria acesso às verdades da fé». No entanto, este acesso é viável, porque é aceite de maneira geral a proposição: «por natureza todos os homens desejam saber». Portanto, «Deus não é inimigo da ciência», pelo que importará saber se é possível uma ciência das verdades da fé. De acordo com a perspetiva luliana, embora este argumento seja condicional, uma vez que o ponto de partida e a consequência são declarações acolhidas de um modo geral - p. ex.: «por natureza todos os homens desejam saber» -, o seu objetivo é propalar uma consequência baseada nessa classe de proposições e confirmar sua redução contraditória para persuadir acerca de

---

de Ramon Llull - que ocorreu pouco antes de 1270 -, mas ela cumpre a função de justificar os princípios da ciência segundo o autor. Ver: Ramon Llull, *Vita coetanea*, ed. H. Harada (ROL VIII), Turnhout, Brepols 1980, §14, p. 280.

<sup>12</sup> Ver n. 2.

um outro princípio que pode ser aceite de uma maneira geral: Deus não é inimigo da ciência, portanto, é possível uma ciência revelada.

O projeto de Llull é construir uma via dialética, baseada na elaboração de argumentos prováveis, persuasivos, assentes em proposições comuns, para demonstrar que por meio deles se acede aos princípios necessários para adquirir a ciência<sup>13</sup>. Assim explica Llull o caráter inventivo do seu projeto de ciência geral; mas a *inventio* é própria da dialética, não de uma ciência demonstrativa. Esta é a tensão que encontramos na Arte luliana: por um lado, demonstrar segundo os primeiros princípios e adquirir o conhecimento de um modo dedutivo e, por outro, persuadir acerca da verdade desses mesmos princípios segundo proposições máximas que oferecem um conhecimento específico, próprio de uma disciplina e não de uma ciência geral.

A idade de ouro da dialética<sup>14</sup>, que acontece durante o século XIII, traduz-se no estudo das máximas aristotélicas que vêm dos *Tópicos* e que foram coletadas, entre outros, pelo florilégio *Auctoritates Aristotelis*. Duas delas são: i.) «A dialética é útil de três maneiras, ou seja, para o exercício, a invenção e [isto também] para as disciplinas filosóficas»; e ii.) «A dialética investiga todos os métodos de acesso aos princípios [das Ciências]»<sup>15</sup>. Estas máximas podem ser encontradas no *Compendium* de Barcelona<sup>16</sup>, que representa um género académico medieval de acesso fácil para os leigos, como Ramon Llull, que continha indicações sobre o conteúdo das disciplinas das artes liberais e das autoridades que representam cada uma delas. Os enunciados aristotélicos citados também são discutidos nos comentários aos *Tópicos* de Alberto Magno

<sup>13</sup> «Et ideo dico tibi, quod tu ignoras in hoc, quod credis, quod in Libro, a te allegato, de propositionibus non sit demonstratio, sed persuasio in praedictis. Modo uide, quoniam sicut triangulus habet tres angulos, sic Deus habet bonum, iustum et magnum iudicium, scilicet iustum per iustitiam, magnum et bonum per magnitudinem suae bonitatis», Ramon Llull, *Disputatio fidei et intellectus*, op. cit., p. 236; «Quoniam opiniones crescunt, quibus intellectus est obfuscatus et multotiens positus in errore, et demonstrationes in disputationibus et etiam libris rarissime seminantur, propter quod scientia quasi perit, idcirco intendimus doctrinam tradere in hoc libro, quo poterimus demonstrationibus habituari; et per consequens uera uigebit scientia, et opiniones cessabunt», Ramon Llull, *De conuersione subiecti et praedicati et medii*, ed. H. Riedlinger (ROL VI), Brepols, Turnhout 1978, p. 262.

<sup>14</sup> Acerca dos diferentes sentidos dos termos *disputatio-disputare* do século XII ao XIII: O. Weijers «Logica Modernorum and the Development of the *disputatio*», *Études sur la Faculté des Arts dans les universitaires médiévales: recueils d'articles*, Brepols, Turnhout 2011, p. 303-312.

<sup>15</sup> Hamesse, *Les Auctoritates Aristotelis. Un Florilège Médiéval*, op. cit., p. 322.

<sup>16</sup> Anonyme, *Le Guide de l'étudiant du ms. Ripoll 109, Barcelona, Arxiu de la Corona d'Arago, ms. Ripoll 109, ff. J34ra-158va*, ed. Cl. Laffleur, J. Carrier, (Publications du Laboratoire de philosophie ancienne et médiévale de la Faculté de philosophie de l'Université Laval, I), Québec 1992, pp. 230; C. Laffleur, C., «Logic in the Barcelona Compendium (With special reference to Aristotle's *Topics* and *Sophistici Elenchi*)», ed. K. Jacobi, *Argumentationstheorie, Scholastische Forschungen zu den logischen und semantischen Regeln korrekten Folgerns*, Brill, Leiden 1993, p. 90.

e Boécio de Dácia<sup>17</sup>.

Apesar da circulação das máximas aristotélicas e das traduções feitas do grego, de acordo com o testemunho de Boécio de Dácia, os aspetos mais importantes dos *Tópicos* foram tratados pela receção Latina da obra. O tratado de Boécio *De topicis differentiis*<sup>18</sup> muito popular na época incidiu sobre o esquema e a descrição dos distintos «lugares» *topoi/loci* que servem de ponto de partida para: i) o exercício argumentativo ii) a invenção de argumentos prováveis iii) a investigação de como esses lugares são tratados noutras disciplinas.

A hipótese deste estudo consiste na sugestão de uma dupla leitura da tradição medieval da obra *Tópicos* em Llull, enquanto prática dialética, nos termos a que aludimos, e como corolário da tradição aristotélica, que distingue os diferentes lugares argumentativos (*loci*), explicitada no tratado boeciano. Para expor estes aspetos apresentarei uma noção geral de *topoi/loci*, ilustrando como as figuras da Arte de Llull (neste caso as figuras chamadas T, gráfico 1) coletaram os lugares (*loci*) abordados, por exemplo, por Boécio, provenientes de Aristóteles, Themistio, e Cícero. Seguidamente, deter-me-ei numa passagem da obra aristotélica cuja interpretação, com a ajuda de Boécio e de Anselmo de Aosta, possibilitou que Ramon Llull desenvolvesse uma teoria da definição que considerava «nova». Embora, devo acrescentar, contradizendo completamente a teoria da definição aristotélica, segundo o género e a diferença, que requer o uso específico de termos que não sejam equívocos. A modo de conclusão, explicarei como a receção luliana da tradição medieval dos *Tópicos* permite resolver uma questão bastante conhecida entre os medievais, patente em Robert Kilwardby<sup>19</sup>, Alberto Magno, ou Boécio de Dácia. A questão acerca de se um argumento dialético pode ser demonstrativo e produzir ciência, e se a arte dialética pode ser tratada como uma ciência<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Albertus Magnus, *Topica*, ed. A. Borgnet (Opera Omnia 2), Vivès, Paris 1890, p. 244; Boethius de Dacia, *Quaestiones super librum Topicorum*, ed. N. G. Green-Pedersen, J. Pinborg, (Corpus Philosophorum Danicorum Medii Aevi VI.I), Hauniae 1976, p. 18, 43, 47.

<sup>18</sup> Boécio, *Le differenze topiche*, ed. F. Magnano, Bompiani, Milano 2017. Magnano edita a sua tradução ao italiano junto com o texto latino da edição crítica: Boethius, *De Topicis differentiis und die byzantinische Rezeption dieses Werkes. Einleitung und textkritische Ausgabe*, ed. D. Z. Nikitas (Corpus Philosophorum Medii Aevi-Philosophi Byzantini, 5), The Academic of Athens-J. Vrin-Editions Ousia, Athens-Paris-Bruxelles 1990.

<sup>19</sup> O. Weijers, «Le commentaire sur les Topiques d'Aristote attribué à Robert Kilwardby (ms. Florence, B.N.C., Conv. Soppr. B.4. 1618)», *Études sur la Faculté des Arts dans les universitaires médiévales: recueils d'articles*, op. cit. pp. 219-258.

<sup>20</sup> Questão colocada pelo Kilwardby: «[...] utrum hec doctrina tradatur per modum artis, aut per modum scientiae, et patet quod utroque modo, cum scientia et iudicium consistat in cognitione proprietatum subiecti et partium eius [...] Et cum ars consistat circa fieri et cognitionem rei [...]»,

## 2. A figura T e a unidade da ciência

Tracei, de forma esquemática, o ideal da «ciência-arte» de Ramon Llull e sugeri a finalidade do uso dos argumentos dialéticos nas suas obras. Trata-se, contudo, de uma questão controversa entre os especialistas. Na Introdução de Jorge Uscatescu à edição da *Ars inventiva veritatis* (1290)<sup>21</sup>, o autor critica a posição de Josep Ruiz Simon, no livro intitulado *A arte de Raimundo Lúlio e a teoria escolástica da ciência*, que defende a hipótese de que a relação entre o modelo demonstrativo aristotélico e a Arte de Llull tem como consequência a adesão do autor de Maiorca a uma *teoria escolástica da ciência*<sup>22</sup>. De acordo com este modelo, uma demonstração é científica quando as suas conclusões se baseiam em princípios necessários, *per se notum*, a partir dos quais é possível deduzir uma ciência. Ruiz Simon defende que as conclusões extraídas dessas demonstrações, do ponto de vista de Llull, produzem uma articulação homogênea das disciplinas específicas, através de argumentos dialéticos que «descobrem» uma via de retorno - constante - aos primeiros princípios, o que explica o nome de *Ars inventiva* que Llull escolhe para este exercício<sup>23</sup>.

O modo complexo como Ruiz Simon apresenta as suas ideias contrasta com a simplicidade com que Aristóteles e os medievais introduziram, após a receção dos *Segundos analíticos*, a tese da incompatibilidade entre os princípios de disciplinas específicas e as suas restrições face aos princípios de ciências mais gerais<sup>24</sup>, uma espécie de advertência sublinhada por Uscatescu<sup>25</sup>. Existem

Weijers, «Le commentaire sur les Topiques d'Aristote attribué à Robert Kilwardby», op. cit., p. 238.

<sup>21</sup> Ramon Llull, *Ars inventiva veritatis*, ed. J. Uscatescu Barrón (ROL XXXVII), Brepols, Turnhout 2014.

<sup>22</sup> «hoc opus [*A arte de Raimundo Lúlio*] quod quam vocant “theoriam scientiae” scholasticam – (unam doctrinam scholasticam esse putat!)», Ramon Llull, *Ars inventiva veritatis*, xvii, n. 41.

<sup>23</sup> «La manera com Llull teoritza la relació de la seva art o ciència amb la resta d'arts i ciències és significativa pel que fa la seva voluntat de plantejar aquesta relació en el context de la teoria de la demostració dels *Analytica posteriora*. El Doctor Il·luminat fa de totes les ciències subordinades, subalternades, a l'Art», J. M. Ruiz Simon, *L'art de Ramon Llull i la teoria escolàstica de la ciència*, Quaderns Crema, Barcelona 1999, p. 83; trad. Portuguesa: *A arte de Raimundo Lúlio e a Teoria escolástica da ciência*, trad. F. Salles, IBFCRL, São Paulo 2004.

<sup>24</sup> «Ad hoc quod obiectum est quod demonstratio non descendit a genere in genus, dicendum quod demonstratio, ut dicit Aristoteles, non convenit in aliud genus, sed hoc est intelligendum de alietate disparationis et non subalternationis quia ibi est proprie generis subiecti alietas, hic autem potius quaedam alteritas», Robert Kilwardby, *De ortu scientiarum*, ed. A.G. Judy, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto 1976, p. 47.

<sup>25</sup> «Praetera, *Ars* lulliana nullo modo systematis axiomatum instar cum continuum derivationem veritatem inferiorum ex veritatibus superioribus monstrat, tum dignitatis et propositiones priores per reductionem ad absurdum confirmat», Llull, *Ars inventiva veritatis*, op. cit., Introductio, xxxii.

poucos casos em que os princípios de uma ciência mais geral subalternizam outras ciências particulares: a ótica e a geometria, constituem um destes exemplos.

É verdade que a receção dos *Segundos analíticos* e do livro sexto da *Ética a Nicómaco*, juntamente com a leitura da teologia de Aristóteles, permitiram que o termo *subalternatio* significasse também a relação entre a metafísica, como ciência divina, e as disciplinas filosóficas<sup>26</sup>. Por esta razão, Boaventura de Bagnoregio propôs uma «redução» (*reductio*)<sup>27</sup> entre as artes liberais e a teologia, que o próprio Llull enfatizaria na versada, e às vezes mal-entendida, frase: *philosophia ancilla theologiae*<sup>28</sup>. Sobre ela, Cruz Hernandez, o famoso estudioso da filosofia em língua árabe, afirmaria que a teologia teve na filosofia um enorme subordinado<sup>29</sup>.

De volta ao ideal de ciência luliano, apreciaremos os termos que Ramon Llull usou para nomear os princípios da Arte que, no seu entender, representam a generalidade e a unidade das Ciências. O primeiro termo que usou foi *dignitates dei* (bondade, grandeza, poder, sabedoria, eternidade, glória... etc.)<sup>30</sup>. O termo *dignitas* traduz o grego *axioma*, portanto o uso equívoco deste termo representa o carácter necessário dos princípios numa demonstração, bem como a estimativa máxima que comportam enquanto virtudes divinas para o ser humano e a potência infinita com que operam na natureza. Este termo é acompanhado, em outras obras de Llull, da denominação *principia substantialia et accidentalia*. Encontramos uma expressão similar na tradução

<sup>26</sup> «Cum enim conclusio demonstrativa sit dicta per se, aut demonstratur genus subiectum de specie sua, sicut in metaphysica demonstratur de specialibus entibus ut de deo et de circulo et de sphaera quod ipsa sunt entia et sicut in grammatica demonstratur de oratione composita ex nominativo et verbo personali quod ipsa est oratio congrua, cum oratio congrua sit subiectum grammaticae», Roberto Grosseteste, *Commentarius in Posteriorum Analyticorum Libros*, ed. P. Rossi, Leo S. Olschki, Florence 1981, p. 260.

<sup>27</sup> «[...] circa cognitionem omnium entium, quae reducit ad unum primum principium, a quo exierunt secundum rationes ideales sive ad Deum in quantum principium, finis et exemplar; licet inter metaphysicos de huiusmodi rationibus idealibus nonnulla fuerit controversia». Bonaventurae Bagnoregis, *Opuscula varia. Theologia*, «De reductione artium ad theologiam», ed. Collegio San Bonaventura (Opera Omnia V), Quarachi 1891, p. 320.

<sup>28</sup> «Ex quo per consequens habere poterit notitiam certam uerae philosophiae, quae tamquam ancilla theologiae est et debet illi in omnibus esse concors», Ramon Llull, *Liber de modo naturali intelligendi*, ed. H. Riedlinger (ROL VI), Brepols, Turnhout 1978, p. 217.

<sup>29</sup> «La filosofía es *ancilla theologiae*, pero un servidor debe ser eficaz y fiel, y en este sentido ninguno puede serlo mejor que Aristóteles», M. Cruz Hernandez, «La primera recepción del pensamiento de Ibn Rusd (Averroes)», *Azafra* 1 (1985) 26.

<sup>30</sup> «Origo harum dignitatum longe obscura est, secundum uero communem opinionem doctissimorum uirorum Augustinus, Anselmus, et Richardus a Sancto Victore apud Lullum plurium auctoritate ualuisse uidentur [...] dignitates diuinae habent idcirco non solum notam metaphysicam, sed etiam moralem, uelut misericordiam, et etiam iuridicam, uelut dominum», Ramon Llull, *Ars inventiva veritatis*, op. cit., Introductio, xxx-xxxi.

do *Liber Alpharabii de ortu scientiarum*<sup>31</sup>, feita por Domingo Gundisalvo, na qual se diz que aqueles principia são a fonte de todas as outras artes e disciplinas. Ramon Llull elege um método eminentemente visual para representar os princípios *substantialia et accidentalia* de profunda ressonância aristotélica, pois é na figura T que todos os princípios se concentram. Existem pelo menos duas versões (em 1283 e 1305)<sup>32</sup> desta figura em que repousam o conjunto de princípios que Al-Fārābī considerou o ponto de partida para todas as ciências.

Como foi assinalado, a dialética é o exercício que aponta o acesso aos princípios de disciplinas específicas e a ciência do ente em geral. Estes princípios descrevem as substâncias e seus acidentes de acordo com os diferentes lugares (*topoi/loci*), assim permitindo demonstrar a relação entre as noções mais gerais de uma disciplina e os casos particulares próprios de outras disciplinas, embora:

Dialectica secundum quod est ‘ad secundum philosophiam disciplinas’ inuentionem locorum docet in arte inueniendi illos. Secundum uero quod est ad fines alios, illis quidem locis utitur et addit cautelas; et sic est dialectica proprie et alterum<sup>33</sup>.

Ramon Llull, no *Liber contemplationis* (de 1274). alertara já para esses sentidos próprios ou alterados que são truques argumentativos dos «filósofos» e para a forma como conduzem a paralogismos. Por exemplo, Llull trata um *sophismata*, estudado hoje como um exercício dialético praticado pela lógica medieval: *homo est mortuus*, conhecido também como *homo est corruptus*, ou *mortuus est Socrates; ergo Socrates est*<sup>34</sup>. O propósito desse exercício é esclarecer sob que critério se predicam estados acidentais de uma entidade singular que

<sup>31</sup> Al-Fārābī, *Liber Alpharabii de ortu scientiarum*, trad. Dominicus Gundissalinus, ed. C. Bauckmker (Beiträge zur Philosophie des Mittelalters, XIX), Munster 1916, p. 17.

<sup>32</sup> Ramon Llull, *Ars demonstrativa*, ed. J. E. Rubio (ROL XXXII), Turnhout, Brepols, 2007; *Ars demonstrativa*, ed. S. Galmes, (ORL = Obres Originals de Ramon Llull, XVI), Palma de Mallorca, 1932; Ramon Llull, *Ars generalis ultima*, ed. A. Madre (ROL XIV), Brepols, Turnhout 1986.

<sup>33</sup> Lafleur, *Le Guide de l'étudiant du ms. Ripoll 109*, op. cit., p. 268.

<sup>34</sup> «[...] demostracio a son enversari de la contrarietat qui es entre paraula e enteniment, agúa hom e asubtila hom a son enversari son enteniment; car dient la paraula que lome es mort o que la paret vol caer, la paraula diu que la anima del home mor en so que home mort diu, lo qual home no mor sino en quant lo cors; e la paraula diu que la paret ha voler, la qual paret priva de voler: on, per so car la paraula diu una cosa e l'enteniment ne entén altra, per aso es a home gran enluminament com entén lo desvariament deis significats que la paraula significa e de cells que l'enteniment entén», Ramon Llull, *Llibre de contemplació en Déu*, ed. S. Galmes et alter (ORL IV), Palma de Mallorca 1911, p. 400.

podem ser contrários, opostos, semelhantes, relativos, ou que estão incluídos nos termos mais gerais da definição de uma substância singular, como ocorre no caso da definição de ser humano.

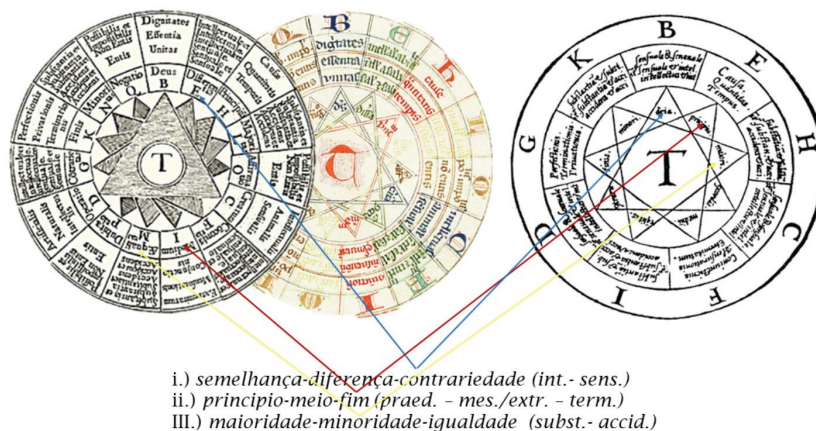


Gráfico 1 - Figuras T: *Ars demonstrativa* (1283) e *Ars generalis* (1305)

Com este objetivo, Ramon Llull introduz, juntamente com as *dignitates dei* (as dignidades divinas) na primeira figura da Arte (A), os lugares argumentativos pelos quais se atinge o conhecimento destes princípios, e insere-os na figura T (nas versões de 1283 e 1305; ver gráfico 1 e 2). Estes lugares são: i.) semelhança-diferença-contrariedade; ii.) principio-meio-fim; iii.) maioridade-minoridade-igualdade. Ivo Salzinger, editor barroco da *Opera Lulliana*, chamou-lhes «princípios relativos», mas Llull tinha-os como *principia generalia*. Na mesma figura T, adiciona os termos substancia-accidente, a lista de categorias e as quatro causas aristotélicas. Com isto, inclui numa mesma figura os *loci* da argumentação dialética estudada pelos mestres medievais. Precitaria de muito tempo para explicitar o sentido de cada um destes «lugares». É importante ressaltar que estes termos aparecem tanto no texto aristotélico dos *Tópicos* como no texto boeciano *De topicis differentiis*, embora em Llull sejam apresentados de uma forma e com um estilo ligeiramente incomum (Ver Gráfico 2), o que foi descrito por Josep Batalla como característico de um «lógico amador»<sup>35</sup>.

<sup>35</sup> J. Batalla, «Regards sur Raymond Lulle», Knowledge, Contemplation, and Lullism: Contributions to the Lullian Session at the SIEPM Congress - Freising, August 20-25, 2012, ed. J. Higuera, Brepols, Turnhout 2015, pp. 153-164.

Boethius, <i>De Topicis differentiis</i> , II, 7-9.	Ramon Llull, <i>Ars demonstrativa</i> , d. 1.	Ramon Llull, <i>Ars generalis</i> , pars 2.
<p>Definitio Descriptio <b>Nominis significatione</b> <b>Substantiam terminorum</b></p> <p>Totum Genus-species Ab integro</p> <p>Partibus Generis partibus Ab integro Partibus quae integri partes <b>Tempus</b> Modum <b>Quantitate</b> <b>Loco</b></p> <p><b>Causae</b> <b>Efficiente</b> <b>Materia</b> <b>Finis</b> <b>Forma</b></p> <p>Effectibus Corruptionis Usibus Communiter Accidentibus Extrinsecus Rei iudicium</p> <p><b>Similibus</b> <b>Qualitate</b> <b>Quantitate</b></p> <p><b>Magis</b> <b>Minus</b> <b>Proportio</b></p> <p><b>Oppositis</b> <b>Contrario</b> <b>Privatio</b> <b>Relativis</b> <b>Affirmationem-Negationem</b></p> <p>Transumptione</p>	<p>Super unum angulum trianguli liuidi, in quo describitur Deus, continentur tres dictiones, quae sunt hae, scilicet: <b>unitas, essentia, dignitates</b>; et super alium angulum, in quo creatura describitur, continentur hae dictiones: <b>sensualis, intellectualis, animalis</b></p> <p>Super angulum uiridem, in quo describitur <b>differentia, continentur: sensualis a sensuali, et sensuais ab intellectuali, et intellectualis ab intellectuali</b>;</p> <p>In angulo enim rubeo, in quo scribitur principium, superscribitur: <b>temporis, quantitatis, causae</b>; et in angulo, in quo medium scribitur, superscribitur: extremitatum, mensurationum et coniunctionum; atque in alio angulo, in quo scribitur <b>finis, superscribitur: causa finalis</b>, terminatio et priuatio</p> <p>In angulo croceo, in quo scribitur maioritas, superscribitur: in substantia et substantia, in substantia et accidente, in accidente et accidente; atque in ambobus aliis superscribitur istud idem, eo quod secundum diuersos respectus oportet esse <b>maioritatem, minoritatem et aequalitatem</b> in substantiis et accidentibus.</p> <p>In angulo nigro, in quo describitur affirmatio, superscribitur: entis, non entis, <b>possibilis, impossibilis</b>; et hoc idem superscribitur in aliis duobus angulis nigris, ad significandum, quod omnis affirmatio, dubitatio et negatio</p>	<p>Differentia-Concordantia Contrarietas</p> <p>Supra angulum de differentia scribitur: <b>Sensuale et sensuale, sensuale et intellectuale, intellectuale et intellectuale</b>. Et sic de angulis concordantiae et contrarietatis, ad significandum differentiam, quae est <b>inter sensuale et sensuale, sicut inter unum corpus et aliud</b></p> <p>Principium-Medium-Finis</p> <p>Supra angulum principii scripta sunt: <b>Causa, quantitas et tempus</b>. Per causam principia substantialia significantur. Quae sunt: <b>Principium efficiens, formale, materiale, finale</b>. Per quantitatem et tempus significantur principia accidentalialia, sicut sunt nouem praedicamenta, et his similia.</p> <p>Maioritas-Minoritas-Aequalitas</p> <p>Supra angulum de maioritate, et sic de angulis aequalitatis et minoritatis, scripta sunt: <b>Inter substantiam et substantiam</b>,   ad significandum, quod una substantia est maior alia; <b>sicut substantia hominis, quae maior est in bonitate et uirtute, quam lapidis substantia</b>. Item: Inter substantiam et accidens, ad   significandum, quod <b>substantia est maior accidente</b>, ueluti substantia hominis, quae maior est, quam sua quantitas, et cetera.</p>

Gráfico 2 - Os tópicos boecianos e lulianos

Gostaria, no entanto, de referir alguns destes termos ou lugares. No livro segundo do *De topicis differentiis*, diz Boécio que o «lugar» argumentativo (*locus*) parte de uma proposição máxima como «género que inclui uma

espécie», o que se aplica ao todo e à parte, à justiça e à virtude, e, de maneira mais universal, à Providência e às ações do homem, assim como aos factos do mundo<sup>36</sup>. Este exemplo justifica a predileção dos autores medievais pelo texto de Boécio, já que este incentivou o tratamento «tópico» de proposições máximas tidas por princípios aceites pelos teólogos. Sobre o tratamento dos acidentes, assevera Boécio que estes constituem os modos de conhecer as substâncias pelo tempo, pelo lugar (físico), quantidade, e partes que as compõem. No entanto, esta relação não se encontra no sujeito divino, que não tem partes, carece de tempo ou quantidade, o que lembra os argumentos no *De trinitate* para justificar o esgotamento das *categorias* perante os predicados que fazem alusão à divindade<sup>37</sup>. Neste tipo de lugares accidentais das substâncias, Ramon Llull descobre as diferenças, as contrariedades e as semelhanças dos seus argumentos teológicos; não em vão, avisa Aristóteles que alguns dos primeiros *topoi* são a oposição e a contrariedade<sup>38</sup>. Além destes primeiros *loci*, acham-se o aumento e a diminuição (*mayoridad-minoridad*) em relação às quantidades e às qualidades. Um outro lugar argumentativo é o movimento e a mudança, do qual se obtém a tríade principio-medio-fin, que parece tratar-se de uma inovação do século XIII que não pode ser atribuída a Llull. Isto deve-se à questão sugerida por Averróis sobre os termos envolvidos no movimento e na mudança, já que os dois têm um princípio ou ponto de partida, um ponto intermédio e uma conclusão. Daí nasce a pergunta sobre o que acontece no meio: ocorrerá um processo em que se misturam os pontos extremos ou dar-se-á a emergência de um termo diferente? Esta pergunta abriu a porta para questões como: i) se a mudança do branco para o preto

<sup>36</sup> «Hic quaestio de accidente, id est 'an accadat iustitiae utilitas'. Locus is qui in maxima propositione consistit: 'quae generi adsunt, et speciei'. Huius superior locus est a toto, id est a genere, virtus scilicet, quae iustitiae genus est. | Rursus sit quaestio 'an humanae res providentia regantur'. Dicemus: 'si mundus providentia regitur, homines autem pars mundi sunt, humanae igitur res providentia reguntur', Boécio, *Le differenze topiche*, op. cit., 154.

<sup>37</sup> «Licet autem non solum in substantiis, verum etiam in modo, temporibus, quantitativibus et loco totum partesque respicere. Id enim quod dicimus 'semper' in tempore totum est [...] A toto ad partem secundum tempus: 'si deus semper est, et nunc est'. A parte ad totum secundum modum: 'si anima aliquo modo movetur, et simpliciter movetur; movetur autem, cum irascitur; universaliter igitur et simpliciter movetur' [...] Rursus a toto ad partem in loco: 'si deus ubique est, et hic igitur est'. Boécio, *Le differenze topiche*, op. cit., 155; Boécio, *De consolatione philosophiae*, *Opuscula theologica*, op. cit., pp. 174-178.

<sup>38</sup> «Ex oppositis vero multiplex locus est; quattuor enim sibi met opponuntur modis: aut enim ut contraria adverso sese loco constituta respiciunt aut ut privatio et habitus aut ut relatio aut ut affirmatio et negatio. Quorum discriptiones in eo libro, qui de Decem praedicamentis scriptus est, commemoratae sunt. Ab his hoc modo argumenta nascuntur» Boécio, *Le differenze topiche*, op. cit., 168; Aristóteles, *Topica*, 135b 8- 135b 17; Aristóteles, *Topica*, *Translatio Boethii*, op. cit., p. 104.

tem um ponto intermédio; ii) se é possível assinalar o ponto exato em que um sujeito deixa de ser branco para ser preto. Ramon Llull «inventou» na sua Arte uma resposta para tais questões e procurou resolvê-las com uma teoria da definição que usa termos translacionais ou denominativos (*trassumptio*)<sup>39</sup>, apesar de Aristóteles proibir a utilização deste tipo de termos nas definições.

### 3. A teoria da definição luliana

Um termo equívoco pode ter mais do que uma significação, por exemplo, os termos formados a partir de outros como justo de justiça, forte de força ou gramático de gramática. Os medievais possuíam para estes termos uma interpretação gramatical, uma lógica, e outra metafísica - há também uma justificação poética - que explicava a origem e a função que desempenhavam dentro do vocabulário filosófico. Todas essas explicações, bem seja a lógica ou a metafísica, foram alcançadas pela «translação» (*trassumptio*) do sentido do termo principal (justiça) para o derivado (justo), de tal modo que estes termos foram chamados «translativos» (*trassumptiones*)<sup>40</sup>. A questão é o que «trasladam» eles? Para essa pergunta existem várias possíveis respostas. De acordo com os mestres chartrianos, o que se «traslada» entre os termos é uma forma essencial, que flui livremente de um termo ativo para outro termo passivo, por exemplo, a forma pura da *justiça* flui como um agente ativo que atinge e ultrapassa um sujeito X, do qual dizemos «X é justo» ou «X tem feito algo justo»<sup>41</sup>. Jean Jolivet e Dominique Chenu batizaram essa explicação metafísica de «platonismo gramatical»<sup>42</sup>. Do ponto de vista lógico, e após a

<sup>39</sup> «Transumptionis vero locus nunc quidem in aequalitate, nunc vero in maioris minorisve comparatione consistit. Aut enim ad id quod est simile aut ad id quod est maius aut minus fit argumentorum rationumque transumptio. Hi vero loci, quos mixtos esse praediximus, aut ex casibus aut ex coniugatis aut ex divisione nascuntur. In quibus omnibus consequentia et repugnantia custoditur. Sed ea quidem, quae ex definitione vel genere vel differentia vel causis argumenta ducuntur, demonstrativis maxime syllogismis vires atque ordinem subministrant, reliqua vero verisimilibus ac dialecticis», Boécio, *Le differenze topiche*, op. cit., 184.

<sup>40</sup> «Ex transumptione vero hoc modo fit, cum ex his terminis in quibus quaestio constituta est ad aliud quiddam notius dubitatio transfertur et ex eius probatione ea quae in quaestione sunt posita confirmantur [...] Qui locus a toto forsitan esse videretur. Sed quoniam non inhaeret in his de quibus proponitur terminis, sed extra posita res hoc tantum, quia notior videtur, assumitur, idcirco ex transumptione locus hic convenienti vocabulo nuncupatus est», Boécio, *Le differenze topiche*, op. cit., 172.

<sup>41</sup> «Casus est alicuius nominis principalis inflexio in adverbium, ut a 'iustitia' inflectitur 'iuste'. Casus igitur est a 'iustitia' id quod dicimus 'iuste'». Boécio, *Le differenze topiche*, Ibid.

<sup>42</sup> M.-D. Chenu, «Un cas de platonisme grammatical au XII<sup>e</sup> siècle», *Revue des Sciences philosophiques et théologiques*, Vol. 51-4 (1967) 666-668; J. Jolivet, «Quelques cas de 'platonisme gram-

leitura do diálogo *De grammatico* de Anselmo de Aosta, um termo derivado, como «gramático», denota um indivíduo singular, de tal modo que dele se pode dizer que: «X é gramático», «X exerce a disciplina de gramática», ou «X ensina gramática»; além disso, o mesmo termo também se refere à disciplina de «gramática», pois sem ela não poderia dar-se o caso desta atribuição ao singular X<sup>43</sup>.

Esta perspetiva sobre os termos que, do ponto de vista gramatical, são formados por uma flexão do substantivo ou de um verbo apresenta especial relevância quando lemos a seguinte passagem do livro sexto dos *Tópicos*, aliás referido no florilégio *Auctoritates Aristotelis*:

Ductio et commensuratio sunt aequivoca ex quo habetur communiter quod omne nomen verbale in -tio est aequivocum videlicet quod tria significat scilicet agentis actionem rei passae passionem et ipsam rem passam sive actum intermedium<sup>44</sup>.

Sobre esta passagem, no texto latino dos *Tópicos* (139b 19-24), traduzido por Boécio, Aristóteles declara estar perante «um lugar confuso»<sup>45</sup> onde de maneira equívoca se denomina nas substâncias a geração do que é saudável, quente ou frio. Por conseguinte, é errado considerar que a ação que «dirige» ou «leva» um sujeito à aquisição de algumas destas qualidades produz - simultaneamente - uma «simetria semântica» (Gráfico 3) entre os diferentes estados de mudança significados por termos que são enganosos. Portanto, com aqueles termos não se podem formar definições. Já Boécio em *De topicis differentiis*<sup>46</sup> assinala a distinção entre os termos envolvidos neste «lugar

---

matical' du VII au XII siècle», *Mélanges offerts à René Crozet Vol. 1*, Société d'Études Médiévales, Poitiers 1966, pp. 93-99.

<sup>43</sup> «Saepissime namque cum volunt ostendere qualitatem aut accidens, subiungunt: ut grammaticus et similia, cum grammaticum magis esse substantiam quam qualitatem aut accidens usus omnium loquentium attestetur. Et cum volunt aliquid docere de substantia, nusquam proferunt: ut grammaticus aut aliquid huiusmodi [...] ideo facis, ut puto, quia non consideras quam dissimiliter significant scilicet nomen hominis ea ex quibus constata homo, et grammaticus hominem et grammaticam», D. P. Henry, *Commentary on De Grammatico: The Historical-Logical Dimensions of a Dialogue of St. Anselm's*, Springer, Dordrecht 1974, p. 64.

<sup>44</sup> *Les Auctoritates Aristotelis*, op. cit., p. 328.

<sup>45</sup> «Unus ergo locus eius quod obscure est [...]», Aristóteles, *Topica: translatio Boethii*, p. 115, L. VI.2 139b 19-24.

<sup>46</sup> «Coniugata vero dicuntur quae ab eodem diverso modo deducta fluxerunt, ut a 'iustitia', 'iustum', 'iustus'. Haec igitur inter se et cum ipsa 'iustitia' coniugata dicuntur, ex quibus omnibus in promptu sunt argumenta. Nam 'si id quod iustum est bonum est, et id quod iuste est bene et qui iustus est bonus est et iustitia bona est'. Haec igitur secundum proprii nominis similitudinem consequuntur. Mixti vel medii vero loci appellantur, quoniam, si 'de iustitia' quaeritur, et a casu vel a coniugatis argumenta ducuntur neque ab ipsa proprie atque coniuncte neque ab his quae sunt

confuso», uma vez que constituem diferentes lugares argumentativos: i.) o sujeito particular; ii.) a qualidade adquirida pelo sujeito; iii.) a variação da qualidade no sujeito. Esta interpretação que se faz de maneira «extrínseca» pode resolver, parcialmente, o enunciado do *Auctoritates Aristotelis*, mas não explica porque essa interpretação do texto aristotélico está ausente.

Platonismo gramatical	<i>De grammatico</i>	Boécio	<i>Auctoritates Aristotelis</i>	Llull
Justiça (é causa do X)	Gramática	i.) o sujeito particular	i.) um agente ( <i>agentis actionem</i> )	A bondade é o ente e a razão segundo a qual o bem age no bom [...] composta pelo <i>bonificativo</i> , el <i>bonificado</i> y el <i>bonificar</i> .
X é justo	X é gramático	ii.) a qualidade adquirida pelo sujeito	ii.) uma ação ( <i>actum intermedium</i> ) ou processo intermédio	
X tem feito algo justo	X exerce a disciplina da gramática	iii) a distinção entre os dois termos	(iii) O sujeito que sofre a ação.	
	X ensina gramática			

Gráfico 3 - *Trassumptio-Translatio* (simetria semântica)

Os elementos significados, de maneira «enganosa» ou equívoca, são os mesmos que cita o florilégio e que Boécio afirma estarem implicados na questão: i.) um «agente» (*agentis actionem*); ii.) uma «ação» (*actum intermedium*) ou processo intermédio; (iii) o sujeito que sofre a ação<sup>47</sup>. Após esta observação, no mesmo texto do *florilegium*, aparece uma máxima que diz: «somente os termos unívocos poderiam fazer parte de uma definição, os termos enganosos não definem»<sup>48</sup>. Ramon Llull não atende este aviso e define

extrinsecus posita videntur trahi, sed ex ipsorum casibus, id est quadam ab ipsis levi immutatione deductis» Boécio, *Le differenze topiche*, op. cit., 172; Aristóteles, *Topica: translatio Boethii*, p. 24, I.15 106b 30-35.

<sup>47</sup> *Les Auctoritates Aristotelis*, op. cit., p. 328.

<sup>48</sup> «Coniugata vero dicuntur quae ab eodem diverso modo deducta fluxerunt, ut a 'iustitia', 'iustum', 'iustus'. Haec igitur inter se et cum ipsa 'iustitia' coniugata dicuntur, ex quibus omnibus in promptu sunt argumenta. Nam 'si id quod iustum est bonum est, et id quod iuste est bene est qui iustus est bonus est et iustitia bona est'. Haec igitur secundum proprii nominis similitudinem consequuntur. Mixti vel mediivvero loci appellantur, quoniam, si 'de iustitia' quaeritur, et a casu vel a coniugatis argumenta ducuntur neque ab ipsa proprie atque coniuncte neque ab his quae sunt extrinsecus posita videntur trahi, sed ex ipsorum casibus, id est quadam ab ipsis levi immutatione deductis» Boécio, *Le differenze topiche*, op. cit., 172; Aristóteles, *Topica: translatio Boethii*, p. 24, I.15 106b 30-35.

os princípios necessários da Arte, as dignidades divinas, os quais são o ponto de partida do seu ideal de demonstração científica, unificada e geral, por meio dessa maneira enganosa e «translacional». Veja-se o seguinte exemplo:

A bondade é o ente e a razão segundo a qual o bem age no bom [...] e é composto pelo bonificativo, pelo bonificado e pelo bonificar<sup>49</sup>.

Este tipo de definições contém os elementos presentes na tradição medieval dos *Tópicos*, como são apresentadas nas obras de Llull depois de 1280. Às vezes, deparamo-nos com passagens tão repetitivas que é bastante difícil seguir a leitura, especialmente nos opúsculos redigidos depois do ano 1310<sup>50</sup>, nos quais essas definições somente aparecem como método demonstrativo, embora o estilo tente imitar a estrutura da argumentação dialética.

#### 4. Conclusão

O ideal de ciência geral luliano, simultaneamente demonstrativo e dialético, é um paradoxo, se observamos o modo como Llull ignora os avisos aristotélicos, e elabora a sua própria linguagem «translacional», equívoca, para definir os princípios necessários (*per se notum*) da Arte. No manuscrito da Biblioteca Marciana (lat. 200), numa coleção de obras de Ramon Llull arranjada pelo próprio, em 1287, e dedicada ao Duque de Veneza, encontrou-se uma nota (que pode ser autógrafa, porque difere da mão do copista) onde se lê uma declaração a respeito do título *Ars demonstrativa* (de 1278):

O nome deste livro, pois chama-se *Ars demonstrativa*, gera escândalo no coração de quem lê isto apesar da forte convicção que o tornou possível. Com este livro prova-se que as demonstrações *propter quid* e *quia* são excedidas pela fé, ou seja, que os artigos, os sacramentos e outras [verdades] excedem as

<sup>49</sup> «Bonitas est ens, cui proprie competit bonificare. Et est ens, quod proprie habet in se et innate bonificantem, bonificatum et bonificare. Item: Est ens in subiecto, cum quo bonificans bonificat subiectum. Amplius: Bonitas est ens, habens actionem in subiecto. Et sicut diximus de bonitate, sic de aliis principiis dici potest. Per praedictos duos modos artifex quidem omnia definire potest», Ramon Llull, *Ars generalis ultima*, op. cit., p. 78.

<sup>50</sup> *Liber de possibili et impossibili; Liber contradictionis; Liber de syllogismis contradictoriis; Liber de efficiente et effectui; Liber facilis scientiae; Liber de diuina existentia et agenti; Liber de ente; Liber de ente reali et rationis; Liber differentiae correlatiuorum diuinarum dignitatum*. De igual maneira que o conjunto de obras nomeadas como *Opera latina Messanensia*: Ramon Llull, *Opera Messanensia*, ed. F. Stegmüller, J. Stöhr, Palmae Maioricarum, Maioricencis Schola Lullistica, 1960.

capacidades do intelecto humano [...] as razões feitas a partir da fé, e outras que pertencem ao intelecto, embora o ultrapassem, não são demonstrações antes são razões persuasivas<sup>51</sup>.

Retornando à *Disputatio* com que inicie esta exposição, gostaria de recuperar outra passagem onde, mais uma vez, Ramón Llull parece reconhecer a convicção de que a demonstração anda a par da fé, mas num sentido dialético:

[Diz o Intelecto à Fé] *Mas sobre este assunto ignoras o que afirmas acreditar, pois no Livro [das proposições] que mencionaste não há demonstrações, somente [maneiras de] persuadir. Tão notável como o triângulo ter três ângulos, e Deus possuir um julgamento bom, justo e grande, por causa da bondade, justiça e grandeza*<sup>52</sup>.

Ambas passagens são a prova de um conhecimento aproximado ao modelo de ciência aristotélico, porém Llull insiste numa argumentação por razões prováveis, mais persuasivas do que apodíticas. Além disso, é usada a linguagem «translacional» excluída das definições aristotélicas, mas não dessas razões com as quais o intelecto tenta convencer a fé da sua tendência natural para o conhecimento do divino. Essa foi a ousadia que levou Ramon Llull a tentar construir uma Arte destinada a encontrar o equilíbrio ilusório entre demonstração e argumentação, entre ciência e arte.

## Referências

- Al-Fārābī, *Liber Alfarabii de ortu scientiarum*, trad. Dominicus Gundissalinus, ed. C. Baeumker (Beiträge zur Philosophie des Mittelalters, XIX), Munster 1916.
- Anonyme, *Les Auctoritates Aristotelis. Un Florilège Médiéval*, ed. J. Hamesse, Peeters, Leuven 1974.
- *Le Guide de l'étudiant du ms. Ripoll 109, Barcelona, Arxiu de la Corona d'Arago, ms. Ripoll 109, ff. J34ra-158va*, ed. Cl. Laffleur, J. Carrier, (Publications du Laboratoire de philosophie ancienne et medievale de la Faculte de philosophie de l'Universite Laval, I), Quebec 1992.
- Albertus Magnus, *Tópica*, ed. A. Borgnet (Opera Omnia 2), Vivès, Paris 1890.
- Aristóteles, *Tópica: translatio Boethii*, ed. L. Minio-Paluello (Aristoteles Latinus 1-3), Desclée de Brouwer, Paris 1969.

<sup>51</sup> A. Soler, «Vadunt plus inter sarracenos et tartaros»: Ramon Llull i Venècia», ed. L. Badia, *Intel·lectuals i escriptors a la baixa edat mitjana*, Abadia de Montserrat, Barcelona 1994, pp. 49-68.

<sup>52</sup> Ramon Llull, *Disputatio fidei et intellectus*, op. cit., p. 236.

- Boécio, *De consolatione philosophiae, Opuscula theologica*, ed. C. Moreschini, Saur, Munich 2000.
- *Le differenze topiche*, ed. F. Magnano, Bompiani, Milano 2017.
- Boethius de Dacia, *Quaestiones super librum Topicorum*, ed. Green-Pedersen, N. G., Pinborg, J., (Corpus Philosophorum Danicorum Medii Aevi VI.I), Hauniae 1976.
- Henry, D. P., *Commentary on De Grammatico: The Historical-Logical Dimensions of a Dialogue of St. Anselm's*, Springer, Dordrecht, 1974.
- Roberto Grosseteste, *Commentarius in Posteriorum Analyticorum Libros*, ed. P. Rossi, Leo S. Olschki, Florence 1981.
- Robert Kilwardby, *De ortu scientiarum*, ed. A.G. Judy, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto 1976.
- Ramon Llull, *Llibre de contemplació en Déu*, ed. S. Galmes et alter (ORL IV), Palma de Mallorca 1911.
- *Ars generalis*, ed. Madre, A. (ROL=Raimundus Lullus Opera Latina) XIV), Brepols, Turnhout 1986.
- *Disputatio fidei et intellectus*, ed. Euler, W. A., Brepols, ROL XXIII, Brepols, Turnhout 1998.
- *Ars inventiva veritatis*, ed. Uscatescu Barrón, J. (ROL XXXVII), Brepols, Turnhout 2014.
- Ruiz Simon, J. M., *L'art de Ramon Llull i la teoria escolàstica de la ciència*, Quaderns Crema, Barcelona 1999.
- Soler, A., «'Vadunt plus inter sarracenos et tartaros': Ramon Llull i Venècia», ed. Badia, L., *Intellectuals i escriptors a la baixa edat mitjana*, Abadia de Montserrat, Barcelona 1994.
- Tomás de Aquino, *Expositio libri posteriorum*, Editio Leonina (Opera Omnia I.2), Vrin, Paris 1989.
- Weijers, O., *Études sur la Faculté des Arts dans les universités médiévales: recueils d'articles*, Brepols, Turnhout 2011.